

## Entrevista à Professora Doutora Isabel Muniz Lima: diálogos transatlânticos e digitais - a linguística textual em movimento

**ISABEL MUNIZ-LIMA**  
isabel.muniz@fale.ufal.br

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Brasil, e pela Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2022)

Professora da Universidade Federal de Alagoas, Brasil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>

**ANA SOFIA SOUTO**  
ana.sofia.souto@gmail.com

Doutoranda em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade NOVA de Lisboa, Portugal

Membro fundador do Grupo de Discussão “Entre Textos”, vinculado à Universidade NOVA de Lisboa, Portugal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5078-7049>

**ARTIGO RECEBIDO A:**  
18/08/2025

**ARTIGO APROVADO A:**  
19/10/2025

**APRESENTAÇÃO:** Nesta entrevista, realizada via e-mail, em agosto de 2025, temos a oportunidade de conhecer a trajetória e as reflexões de uma investigadora cuja atuação se destaca pela articulação entre ensino, investigação e internacionalização. Com formação sólida em Linguística Textual e experiência em diferentes níveis de ensino e projetos interinstitucionais, compartilha conosco os caminhos que a levaram a investigar as interações digitais, a dialogar academicamente entre continentes e a contribuir ativamente para a formação de novos/as investigadores/as. A Professora Doutora Isabel Muniz Lima é Professora na Universidade Federal de Alagoas, Brasil, e membro fundador do Grupo de Discussão “Entre Textos”.



## Interview with Professor Isabel Muniz Lima: Transatlantic and Digital Dialogues – Text Linguistics in Motion

**ISABEL MUNIZ-LIMA**  
isabel.muniz@fale.ufal.br

PhD in Linguistics from the Universidade Federal do Ceará, Brazil, and from the Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2022)  
Professor at the Universidade Federal de Alagoas, Brazil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>

**ANA SOFIA SOUTO**  
ana.sofia.souto@gmail.com

PhD Candidate in Text and Discourse Linguistics at the Universidade NOVA de Lisboa, Portugal  
Founding Member of the “Entre Textos” Discussion Group, affiliated with the Universidade NOVA de Lisboa, Portugal  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5078-7049>

**ARTICLE RECEIVED ON:**  
08/18/2025

**ARTICLE ACCEPTED ON:**  
10/19/2025

**INTRODUCTION:** In this interview, conducted via email in August 2025, we have the opportunity to learn about the academic trajectory and reflections of a researcher whose work stands out for its articulation between teaching, research, and internationalization. With a solid background in Text Linguistics and experience across different levels of education and interinstitutional projects, she shares with us the paths that led her to investigate digital interactions, engage in academic dialogue across continents, and actively contribute to the training of new researchers. Professor Isabel Muniz Lima is a professor at the Universidade Federal de Alagoas, Brazil, and a founding member of the “Entre Textos” Discussion Group.



### **NOTA BIOGRÁFICA ACADÊMICA - ISABEL MUNIZ LIMA**

Isabel Muniz Lima é Doutora em Linguística sob sistema de cotutela realizado na Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC) e na Universidade Nova de Lisboa (NOVA/FCSH). É Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC), com dissertação sobre interação escrita em contexto de uso da Aprendizagem Cooperativa. Possui Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade 7 de Setembro (Fa7), com monografia voltada para a inserção do audiolivro na sala de aula. É membro dos grupos de pesquisa Getel (UFAL) e Protexito (Unilab). Foi professora efetiva de Língua Portuguesa na Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC/CE) e professora temporária de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Atuou como Coordenadora Pedagógica no Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD 2026-2029) na área de Linguagens e suas Tecnologias. Foi pesquisadora e elaboradora de material didático para a educação básica no Centro de Excelência em Políticas Educacionais (Cenpe/FCPF) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e também Analista de Qualidade Pedagógica Sênior em projeto de pesquisa do Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais no Instituto de Computação da Universidade Federal de Alagoas (NEES/IC/UFAL). Pesquisa na área de Linguística Textual. Temas de interesse: Linguística Textual, Interação Digital e Ensino de Língua Portuguesa.

### **NOTA BIOGRÁFICA ACADÊMICA - ANA SOFIA SOUTO**

Ana Sofia Souto é Mestre em Ciências da Linguagem e Licenciada em Estudos Portugueses pela NOVA FCSH, onde foi agraciada com os prémios “Mérito e Excelência Melhores Mestres” e “Mérito e Excelência Melhores Licenciados”. Representou Portugal na XVI Edição do Programa “Jóvenes Líderes Iberoamericanos” em Madrid, Espanha. Bolseira da FCT (ref.: 2021.04523.BD), é atualmente doutoranda em Linguística do Texto e do Discurso na NOVA FCSH. No âmbito do Doutoramento, fundou, com Isabel Muniz Lima, o Grupo de Discussão “Entre Textos: Diálogos Transatlânticos em Linguística do Texto e do Discurso”, que decorre desde março de 2021 e reúne regularmente Professores, investigadores e estudantes dos dois lados do Atlântico em torno de questões textuais e discursivas. Temas de interesse: Análise do discurso; Análise crítica do discurso; discurso(s) de protesto social e resistência.

**ANA SOFIA SOUTO** *Para começarmos, o que despertou o seu interesse pela área de Letras e, mais especificamente, pela Linguística?*

**ISABEL MUNIZ LIMA** Desde muito jovem, ajudava minha mãe com correções de textos. Ela é jornalista de formação, da área, portanto, das Humanidades. Esse contato com a profissão de minha mãe gerou, em mim, um apreço pela leitura e pela escrita. O ingresso no curso de Letras se deu por uma curiosidade em conhecer mais sobre o universo da nossa língua.

Em relação ao meu interesse pela Linguística, preciso rememorar o 2º ano de graduação em Letras/Português na Universidade Federal do Ceará. Foi a partir desse período que minha preferência pelos estudos da linguagem foi se intensificando e, em paralelo, a construção do meu ser-professora foi tomando forma. O apreço pela Linguística ganhou vida e endereço certo na disciplina que cursei com a Professora Mônica Magalhães Cavalcante (in memoriam). Apaixonei-me pelo texto, pela referenciação, além de ver, na professora Mônica, uma inspiração como docente. Nessa época, meu interesse principal era em compreender a relação entre os conhecimentos que eu estava aprendendo e a aplicação deles na sala de aula.

**ANA SOFIA SOUTO** *A sua formação envolve tanto o ensino de Língua Portuguesa quanto a investigação linguística. Como é que equilibra essas duas frentes — o ensino e a investigação científica?*

**ISABEL MUNIZ LIMA** Meu fazer-pesquisa sempre foi atrelado ao ensino. O graduando em Letras, em um curso de licenciatura, é formado para atuar na docência na educação básica. Claro que há outras possibilidades de emprego para o profissional de Letras, mas a docência é a principal. Nesse sentido, penso que o olhar do pesquisador para o fenômeno da linguagem precisa lançar luz às potencialidades que essa observação pode trazer para o processo de ensino e aprendizagem. De que modo esses conhecimentos podem nos fazer refletir sobre a sala de aula e possibilitar

aos discentes desenvolver habilidades de interação, de modo crítico, nas diferentes situações de comunicação? Essa resposta pode ser obtida com a pesquisa, na análise, por exemplo, do modo como o texto, entendido como evento comunicativo, acontece e observando os efeitos de sentido que ele proporciona na interação.

Atualmente, ministro aulas de Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa, com foco em gêneros acadêmicos, e a disciplina de Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Fundamental e Médio. Nessas disciplinas, procuro aliar os aspectos teóricos da Linguística Textual, e de outras áreas dos estudos da linguagem, a possibilidades de ensino e aprendizagem de leitura/escuta, produção textual e análise linguístico-semiótica.

Nas orientações que conduzo no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), buscamos a mesma dinâmica: refletir sobre práticas textuais em contexto digital e em possibilidades de aplicação ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa.

Minha tese de doutoramento conduz uma reflexão sobre modos de interação digital; essa pesquisa é bastante teórica. Mas sempre foi um desejo meu alinhar essa investigação ao ensino de Língua Portuguesa. É o que tenho tentado fazer hoje em minhas atividades de ensino e pesquisa na Universidade Federal de Alagoas.

Com base na nossa tese, tão importante para a Linguística Textual, desenvolvida sob a orientação da Profa. Mônica Magalhães Cavalcante e da Profa. Matilde Gonçalves, busco dois movimentos, que se complementam: i) descrever e explicar práticas textuais em contexto digital a partir dos critérios que propus nessa pesquisa e também com base em articulações com outras pesquisas na nossa área e em áreas afins; e ii) refletir sobre possibilidades de aplicação dessas reflexões ao ensino. É um movimento que se retroalimenta e que, pelo menos hoje, faz bastante

sentido para o que eu acredito que deva ser priorizado no ensino e na pesquisa no ensino superior. Aliar pesquisa e ensino, portanto, é uma escolha acadêmica e profissional que se equilibra, para mim, de modo relativamente natural e fluido.

**ANA SOFIA SOUTO**

*A sua trajetória une docência, investigação e produção de material didático em diferentes instituições. Como é que essas experiências colaboram no modo como você pensa o ensino de língua portuguesa no Brasil?*

**ISABEL MUNIZ LIMA**

O ensino, a meu ver, precisa ir se adequando às práticas textuais contemporâneas e às necessidades que a relação entre linguagem e sociedade vão impondo/possibilitando, ao mesmo tempo em que deve estar voltado para um trabalho que solidifique o ensino da leitura, da escrita, das diferentes produções textuais (multissemióticas) e da análise linguístico-semiótica de textos escolares e clássicos, mas também de outras práticas que fazem parte do cotidiano dos estudantes.

Os livros didáticos, em certa medida, buscam, a meu ver, preencher essas necessidades, assumindo um desafio imenso, que é se adequar às diferentes realidades de um país continental como o Brasil. Minha participação como elaboradora de materiais e, mais recentemente, como Coordenadora Pedagógica no Programa Nacional do Livro e do Material Didático<sup>1</sup>, me ajudaram a perceber com mais clareza esse desafio. O livro didático é um apoio ao professor e deve servir de inspiração ou de complemento ao trabalho que só o docente, na sala de aula, conversando com seus alunos, em contato com a realidade em que a escola está inserida, observando o que diz o projeto pedagógico da escola e do Estado, entre outros aspectos, sabe como deve ser realizado.

Vejo o ensino de língua portuguesa no Brasil, sobretudo na escola pública, com otimismo. Há

1. Trata-se de uma das políticas públicas mais sólidas e longevas do governo brasileiro. O PNLD busca, entre outras ações, avaliar e distribuir obras didáticas, pedagógicas e literárias para escolas públicas da educação básica em todo o Brasil.

muitas mudanças em curso, em diferentes estados e em diferentes escolas do país. Há professores e professoras motivado(a)s. A Base Nacional Comum Curricular, mesmo diante das críticas que precisam ser feitas a ela, constitui-se como um documento importante para que os docentes encontrem caminhos para suas aulas de língua portuguesa. Minha experiência como professora efetiva do Estado do Ceará, por quase 8 anos, evidenciou a possibilidade de mudança e me fez ser hoje, ainda mais, uma defensora da educação gratuita e de qualidade.

Claro, é preciso que haja mais investimentos na infraestrutura (o desconforto térmico, por exemplo, é um grande problema nas escolas e universidades de Norte e Nordeste no Brasil) e na formação inicial e continuada de professores. É necessário diminuir o quantitativo de alunos por sala e aumentar a carga horária para planejamento de aulas. Além de se reconsiderar questões salariais para os docentes e ampliar políticas públicas de redução de desigualdades. Mas penso que, em paralelo à luta diária que devemos empreender por esses direitos, é preciso avançar e fazer o que é possível com os recursos que já temos.

*Considerando a sua vivência na educação básica e no ensino superior, quais são os maiores desafios e pontes possíveis entre esses dois contextos?*

ANA SOFIA SOUTO

Durante o período em que fui professora na educação básica, eu não percebia com tanta intensidade a presença da universidade na escola. Quando lecionei na Escola de Educação Profissional Juarez Távora, em Fortaleza, no Ceará, fui abordada por uma jovem pesquisadora de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Ela queria assistir e gravar as minhas aulas para compor o *corpus* que ela precisava analisar para escrever sua dissertação. À época, a Aprendizagem Cooperativa era a metodologia central das minhas aulas<sup>2</sup> e a pesquisadora ficou curiosa em observar esse contexto de ensino e aprendizagem.

ISABEL MUNIZ LIMA

2. Sobre a Aprendizagem Cooperativa, sugiro consultar: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19695>.

3. O ProfLetras é um Mestrado Profissional em Letras, que é oferecido em todo o Brasil por diferentes instituições públicas de ensino superior e tem como objetivo central oferecer formação continuada para professores de língua portuguesa.

4. Programa vinculado ao Ministério da Educação do Brasil que visa incentivar alunos de licenciatura a se inserirem no exercício da docência em escolas públicas.

**ANA SOFIA SOUTO**

Essa relação entre nós, professora e pesquisadora, foi fundamental para que eu percebesse a importância da universidade para o aprimoramento da prática docente. Depois desse contato, eu decidi fazer a seleção de Mestrado. Fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, sob orientação da professora Ana Célia Clementino Moura, na linha de estudos de Linguística Aplicada. A partir daí, eu tive uma outra visão sobre a relação entre esses dois contextos – educação básica e ensino superior. Fui compreendendo, à medida que construía minha dissertação, que essa relação precisava ser mais evidente, mas que ela não era fácil de ser construída. Há inúmeros empecilhos para que o professor da educação básica faça pesquisa na universidade. Afinal, nem sempre é simples conciliar as demandas profissionais, acadêmicas e pessoais ou conseguir um afastamento remunerado para realizar pesquisa.

Nessa relação entre universidades e escolas, penso que há também a dificuldade que nós, professores e pesquisadores universitários, temos em relacionar nossas pesquisas teóricas ao universo da sala de aula. Para isso, precisamos de tempo para pesquisa e de investimento financeiro para a promoção, por exemplo, de eventos de extensão em que esses dois mundos possam se aproximar. Mas essa é uma relação possível e que, graças a diferentes programas brasileiros, consegue ser realizada com êxito. Vejo o Mestrado Profissional em Letras<sup>3</sup> e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>4</sup> como as principais pontes hoje no diálogo entre a educação básica e o ensino superior.

*O seu doutoramento em cotutela entre o Brasil (Universidade Federal do Ceará) e Portugal (Universidade Nova de Lisboa) sugere uma experiência acadêmica internacional. O que a levou a optar por um doutoramento em cotutela? Quais os maiores desafios e aprendizagens desse período? Que memórias acalenta?*

O que me levou a optar por um doutoramento em cotutela foi, inicialmente, o desejo de me desafiar na pesquisa. Eu queria me dedicar totalmente a um projeto de pesquisa que marcasse a minha vida pessoal e acadêmica. Para mim, a cotutela seria também uma oportunidade de incrementar meu currículo, fazer parcerias internacionais, ter a experiência de viver um período em outro país, conhecendo hábitos e costumes diferentes dos meus.

ISABEL MUNIZ LIMA

Inicialmente, eu desejava aprimorar a língua francesa, mas minhas dezenas de tentativas de estabelecer o sistema de cotutela com universidades francófonas fracassaram, por diferentes razões. Por outro lado, encontrei nas universidades portuguesas uma acolhida surpreendente. Que sorte a minha, pois a professora Matilde Gonçalves e a Universidade Nova de Lisboa me acolheram com muito carinho e abertura. Encontrei na NOVA a oportunidade para colaborar na internacionalização do grupo “Prottexto” e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, fortalecendo e ampliando laços luso-brasileiros.

O maior desafio desse período foi fazer pesquisa em plena pandemia de Covid-19: o distanciamento, o isolamento, o medo da contaminação, o desespero com a gestão catastrófica do governo brasileiro à época e os desafios de atravessar fronteiras nesse momento dramático foram, sem dúvidas, os maiores empecilhos. Por outro lado, as aprendizagens se destacaram: na Universidade Nova de Lisboa, consegui ter aulas presenciais, participar de eventos esportivos e acadêmicos, estabelecer parcerias, não só no Departamento de Linguística, mas também no Departamento de Comunicação e, em estreito diálogo com a professora Matilde Gonçalves, pensar em contribuições para minha pesquisa de doutoramento, que já estava qualificada.

Vale dizer que, para além da dimensão acadêmica, a cotutela promoveu significativo crescimento pessoal e profissional, o qual certamente levarei para toda a vida.

**ANA SOFIA SOUTO** *Ainda sobre o seu doutoramento em cotutela, que diferenças apontaria entre as academias portuguesa e brasileira?*

**ISABEL MUNIZ LIMA** A percepção que apresento aqui sobre as diferenças e semelhanças entre as duas academias parte apenas da minha experiência, em nada representando uma visão única da complexidade da pergunta. Acho importante destacar isso, porque cada pesquisador faz escolhas e busca vivências diferentes nesse tipo de intercâmbio acadêmico.

Um primeiro aspecto que me chamou a atenção foi a gestão do tempo de pesquisa nas duas academias. Em Portugal, me parece que os pesquisadores tomam mais tempo para refletir, analisar, descrever fenômenos, publicar, participar de eventos. Eu considero essa atitude bastante sábia. No Brasil, por outro lado, há uma aceleração nesse tempo, o que se revela no acúmulo de eventos e nas muitas possibilidades de produção acadêmica. É uma aceleração que, no meu caso, chegou a afetar minha saúde mental.

O segundo aspecto que gostaria de destacar tem relação com o desejo sincero de colaboração e de empatia entre discentes e docentes tanto no Brasil quanto em Portugal. Eu imaginava que, em terras lusitanas, os colegas seriam mais distantes e os professores menos participativos e empáticos. Mas percebi, na NOVA, uma relação diferente, muito mais próxima e generosa.

**ANA SOFIA SOUTO** *Como é que a experiência de cofundar o grupo de discussão “Entre Textos: Diálogos Transatlânticos em Linguística do Texto e do Discurso”, em 2021, contribuiu para o amadurecimento das discussões teóricas e metodológicas no seu campo de investigação? Há alguma sessão do grupo que destaque como particularmente relevante para o seu percurso?*

Quando Ana Sofia Souto me revelou a ideia do “Entre Textos” e me fez o generoso convite para cofundar esse grupo de discussão, eu senti, dentro daquele estado de gratidão, que a cotutela estava mesmo fazendo sentido e se alinhando àquilo que eu buscava indo à Universidade Nova de Lisboa. Cada convidado e convidada que participou das sessões que coordenamos me mostrou novos horizontes e possibilidades dentro dos estudos do texto e do discurso.

ISABEL MUNIZ LIMA

A sessão que eu destaco é, sem dúvidas, a primeira, com a Profa. Mônica Magalhães Cavalcante. Mesmo diante das inúmeras tarefas acadêmicas nas quais ela sempre estava envolvida, preparou uma apresentação brilhante e entusiasmante para o “Entre Textos”. Meus olhos brilhavam de alegria e de admiração por aquela presença tão ilustre e tão sábia, que, de modo didático e bem-humorado, compartilhava com a comunidade acadêmica luso-brasileira os avanços da Linguística Textual praticada no Grupo de pesquisa “Prottexto” naquele momento.

Essa sessão foi relevante, não só pelo privilégio de ouvir uma grande pesquisadora dos estudos do texto, mas porque me deu a certeza sobre o que eu queria pesquisar dali para a frente e solidificou a ideia de que eu queria, profissionalmente, fazer parte da vida na universidade.

*A sua tese de doutoramento, indicada ao “Prêmio Capes de Teses 2023”, trata dos modos de interação em contexto digital. O que mais a surpreendeu ao longo dessa investigação? Quais as principais aprendizagens que destacaria?*

ANA SOFIA SOUTO

Essa pergunta é bem desafiadora. A professora Mônica Magalhães Cavalcante, com sua sabedoria e olhar prospectivo, viu em mim a pesquisadora capaz de, naquele momento, reconsiderar a noção de interação, conceito já bem estabelecido na área dos estudos da linguagem. Eu sou muito grata por esse gesto de confiança da professora.

ISABEL MUNIZ LIMA

Lidar com essa responsabilidade, porém, foi um desafio. As palavras que Mônica compartilhou comigo no WhatsApp ainda soam nos meus pensamentos: “Bel, você ainda não se deu conta da revolução que sua pesquisa causou na área da Linguística Textual?”. Surpreendeu-me quando percebi, ao longo dos anos de pesquisa, que, sim, eu fui capaz de fazer isso. Mas essa capacidade nada tem a ver com um trabalho individual. Ela é fruto do direcionamento primoroso da professora Mônica, do referencial teórico com o qual dialoguei, dos intensos debates com os membros do grupo “Protexoto” em nossas reuniões e eventos acadêmicos, das trocas que tive o privilégio de obter com a professora Matilde e com os colegas na disciplina de *Ciberespaço, mídia e interação* no curso de mestrado em Comunicação da NOVA, da generosidade dos professores e das professoras que leram meu trabalho, tanto durante a qualificação, quanto nos Seminários de Pesquisa e, finalmente, na defesa da tese. E, ainda, das interlocuções com meu esposo, antropólogo, artista e curioso, que, com seu olhar de outra área, me fazia refletir com profundidade sobre meu objeto de estudo.

Nesse processo, destaco o desafio de escrever a seção de Metodologia. Era a primeira vez que uma tese de doutoramento do grupo “Protexoto” se valia explicitamente de uma perspectiva pós-dualista (baseada em Paveau, 2017) para direcionar seu fazer analítico.

Além disso, destaco o desafio de lidar com a velocidade com que surgiam novas práticas textuais *on-line*, sobretudo durante a pandemia, em que muitas atividades passaram para o espaço da Web 2.0. À medida que eu ia fazendo as análises, outras possibilidades surgiam e precisavam ser incluídas na tese. Não havia outra forma: foi com a ajuda dos colegas e da plena confiança e direcionamento da professora Mônica que foi possível construir esse trabalho.

Nesse processo, estive 4 anos completamente dedicada à pesquisa e à escrita desse trabalho.

Finalizar um doutoramento é um desafio que poucos conseguem superar com a saúde mental em dias. O contexto da pós-graduação no Brasil é cada vez mais acelerado e adoecido. Eu tive o privilégio de estar em um contexto em que foi possível vencer esses desafios. Durante o doutoramento, inclusive, escrevi um diário de bordo, que foi um auxílio importante durante os momentos difíceis da pesquisa. No futuro, quem sabe, as reflexões que escrevi ali, com suas dores, angústias e celebrações, serão publicadas.

Para finalizar a resposta a essa pergunta, destaco os aprendizados. Diria que, no processo de pesquisa de doutoramento, aprendi um pouco mais sobre disciplina e resiliência. Acho também que amadureci, mesmo que ainda superficialmente, a difícil habilidade da autoria. Aprendi que há potência em ouvir os mais experientes. Aprendi a valorizar cada discussão do grupo de pesquisa. Aprendi sobre o presente que é ter professores que orientam e refletem sobre o nosso trabalho. Aprendi que é preciso um misto de ousadia e humildade para produzir uma pesquisa da dimensão de uma tese.

*Enquanto investigadora da interação digital, qual é a sua perspectiva sobre o impacto da inteligência artificial na produção textual e no ensino da escrita?*

ANA SOFIA SOUTO

Essa pergunta é muito importante para os dias atuais. Eu ainda estou construindo minhas impressões sobre o assunto.

ISABEL MUNIZ LIMA

Primeiramente, precisamos conhecer as possibilidades que a IA nos oferece, não só enquanto usuários/as comuns, mas também como professores/as e pesquisadores/as. Há ferramentas bastante interessantes, que podem vir a potencializar o ensino de leitura e produção textual.

Assim como acontece com outras tecnologias, a IA pode ser uma aliada ao ensino de produ-

ção textual escrita, como, por exemplo, sendo uma ferramenta de assistência personalizada para fornecer *feedback* sobre textos escritos pelos/as próprios/as alunos/as. Mas esse trabalho precisa ser realizado sob a orientação do professor, pois as IA alucinam, inventam conteúdos. Nesse sentido, precisamos ter uma postura crítica em relação ao nosso uso dessa tecnologia. Mais que isso e antes de tudo, precisamos, a meu ver, conversar sobre ética na pesquisa com nossos estudantes, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Penso que esse é o ponto de partida que tornará os impactos da IA no ensino mais fluidos e tranquilos de serem geridos.

Junto ao grupo “Prottexto”, temos desenvolvido um *e-book*, que será lançado em breve, em que esse tema será discutido no âmbito da Linguística Textual e de suas categorias de análise. O Professor Ricardo Cruz, doutorando na Universidade Aberta de Portugal, orientando da Profa. Dra. Isabel Seara, tem feito um trabalho brilhante a fim de trazer possibilidades de uso da IA para o ensino de língua portuguesa. Há ainda os professores Franklin Oliveira, Silveline Silva, Evandro Catelão e Fábio Coelho, entre muitos outros, que têm refletido sobre a relação entre texto e inteligência artificial, com foco no ensino.

Nos últimos meses, tenho lido diferentes artigos, documentos oficiais e documentos orientadores sobre Inteligência Artificial e ensino para entender melhor o assunto e, futuramente, sistematizar algumas ideias.

Meu Projeto de Iniciação Científica 2025/2026 tem como objetivo mapear os estudos que foram publicados na articulação entre Inteligência Artificial e ensino. Espero, com essa pesquisa, colaborar para que o tema chegue à sala de aula. Nas minhas aulas na universidade, tenho refletido sobre usos éticos possíveis da IA na leitura e produção de textos. E venho compartilhando essas experiências, ainda em uma dimensão mais experimental que teórica, em palestras e

eventos acadêmicos presenciais e *on-line*. Isso para dizer que as pesquisas e as reflexões são recentes e carregam o desafio de precisarem se atualizar a cada instante. É muito veloz o avanço dessa tecnologia. Precisamos estar atentos e críticos aos seus riscos e potencialidades.

*Quais são os seus projetos futuros? Há alguma linha de investigação que deseja explorar mais a fundo?*

ANA SOFIA SOUTO

Os projetos futuros são muitos, mas tenho buscado um equilíbrio entre esses sonhos e a minha saúde mental, tentando desacelerar e estar mais presente naquilo que escolho fazer. A curto/médio prazo, almejo fazer um estágio de pós-doutoramento para refletir sobre texto, leitura, interação digital e ensino. Pretendo também ingressar em um programa de pós-graduação para iniciar orientações de mestrado e doutorado. A argumentação e a intertextualidade, aliadas aos modos de interação com Inteligência Artificial e ao ensino de leitura, são categorias/temas que estão no meu radar para os próximos anos de atividade científica.

ISABEL MUNIZ LIMA

Em termos de alinhamento teórico, continuo me sentindo contemplada com as possibilidades que a Linguística Textual, em sua interdisciplinaridade focada (como sempre evidenciava nossa saudosa professora Mônica Magalhães Cavalcante), nos apresenta diante dos desafios em torno do texto e da interação digital. Portanto, pretendo seguir pesquisando na linha de estratégias de textualização.

Desejo, ainda, publicar meu segundo livro, desta vez voltado para a prática de sala de aula, com foco na formação de professores de língua portuguesa. Esse projeto já está sendo construído e espero conseguir publicá-lo, quem sabe, em 2026.

**ANA SOFIA SOUTO** *Considerando a sua atuação no ensino e na pesquisa até aqui, que conselho daria a estudantes que estão a pensar ingressar na área de Letras e pensam em seguir uma carreira acadêmica?*

**ISABEL MUNIZ LIMA** Considero minha atuação no ensino e na pesquisa ainda incipiente e repleta de lacunas, mas reconheço que há muitos aprendizados e é a partir deles que compartilho algumas palavras para esses estudantes.

Os estudos da linguagem são encantadores: compreender o que é língua, sujeito, texto, interação, leitura, compreensão, produção textual, discurso e se deliciar com os caminhos do texto literário é fabuloso! Inclusive, acho que a separação entre áreas do conhecimento, como Literatura versus Linguística, precisa ser vista mais como uma estratégia didática do que como um ringue de luta. Afinal, estamos lidando com textos/discursos, seja em que área for. O estudante que faz Letras tem, portanto, o privilégio de caminhar por diferentes dimensões da capacidade de linguagem humana.

Diria a quem quer ingressar no curso de Letras que é valioso olhar com carinho para a profissão docente. Há estudantes, nas diferentes escolas de educação básica, sobretudo nas públicas, que precisam de professores brilhantes e empáticos. E eu me dedico, todos os dias, a colaborar na formação desse tipo de profissional. Penso que a docência é construída durante o curso, nas leituras e nas vivências que a universidade proporciona. Ser professor não é uma habilidade nata, nem é um dom. A docência se constrói com interesse no outro, com o desejo de empoderar estudantes de educação básica para que se comuniquem de modo mais eficaz e que, com isso, possam melhorar suas vidas.

Diria ao interessado no curso de Letras que é aqui o espaço de construção de profissionais que terão um poder imenso (e uma responsabilidade igualmente relevante) de transformação

social. Diria ao interessado no curso de Letras que é aqui, a meu ver, que formamos os profissionais mais importantes para a sociedade.

*Por fim, há alguma obra, autor(a) ou investigador(a) que destacaria como mais fundamental ou inspirador(a) no seu percurso?* ANA SOFIA SOUTO

De Mônica Magalhães Cavalcante a Vanda Maria Elias, é na Linguística Textual que eu encontro as pesquisadoras/os autores mais inspiradores para o meu percurso acadêmico. Menciono, além de Mônica e Vanda, Ingedore Koch, Irandé Antunes, Luiz Antônio Marcuschi e Valdinar Custódio-Filho. ISABEL MUNIZ LIMA

Fora do eixo da LT, destaco o saudoso professor Paulo Mosânio, um amigo querido e um gênio da Linguística, que o tempo também encantou.

Para além do meio acadêmico, nesse mar de inspirações, destaco Guimarães Rosa e seu *Grande Sertão: Veredas*. Até hoje os ensinamentos de Riobaldo, personagem principal da obra, seguem me transformando como pessoa e acho que, conseqüentemente, fazendo essa pessoa se refletir na professora e na pesquisadora que sigo aprendendo a ser.

*Algumas palavras finais?* ANA SOFIA SOUTO

Agradeço à colega e amiga Ana Sofia Souto pelo presente que me deu ao me convidar para realizar esta entrevista. Muito obrigada pela oportunidade! Escrevo essas reflexões em um dia gostosamente chuvoso do inverno alagoano, no Nordeste do Brasil, com um sentimento de muita gratidão pelo percurso que me vi sendo levada a percorrer à medida que ia respondendo, inacabadamente, às perguntas desta entrevista. ISABEL MUNIZ LIMA

Inevitavelmente emocionada em, a cada resposta, lembrar de minha orientadora de doutoramento, a professora Mônica Magalhães Cavalcante, dedico a ela esta entrevista. Fui uma das sortudas que tiveram o presente de tê-la por perto e de, com ela, aprender sobre sabedoria, bom humor, confiança e afeto. Serei sempre grata aos seus esforços em impulsionar, com amor e dedicação, tantos de nós, seus alunos e admiradores. Obrigada por tanto, Professora Mônica!

